

A PRESENÇA DO QUEER NA LITERATURA BRASILEIRA

Walisson Oliveira Santos¹
Marcelo Brito²

ST 19: Escrivências dissidentes e subalternas na literatura: representatividade e subversão do cânone

RESUMO

Esta pesquisa se propõe a analisar as conjecturas teóricas que subscrevem a rubrica “Literatura Queer” no Brasil. Os conceitos sobre essa rubrica estão refletidos à luz de identidades não hegemônicas, em particular as identidades gay, lésbica, transexual e homoerótica, no âmbito brasileiro. Inicialmente, procura-se verificar as raízes do queer, bem como responder às proposições teóricas acerca dos estudos da Teoria Queer. Em seguida, busca-se salientar a presença de cartografias-narrativas com temática queer na literatura brasileira e, sobretudo, no imaginário social em âmbito nacional. A partir de tais reflexões, na tentativa de entender o fenômeno literário, abordam-se os estudos de Laplantine e Trindade (2017) sobre o que constitui o imaginário, da análise do discurso crítico de Fernandes (2014) e de Bosi (2012) que estabelece uma história concisa sobre a literatura brasileira. A proposta metodológica encontra-se consubstanciada na revisão bibliográfica conforme a proposta inicial da pesquisa, de caráter descritivo e do método dedutivo hipotético, no escopo de responder à problemática social em questão. Com base nos resultados, foi possível estabelecer uma linha tênue que marca a presença do queer no bojo da sociedade brasileira em obras tanto clássicas, quanto contemporâneas.

Palavras-chave: Teoria Queer. Imaginário social. Literatura Brasileira.

ABSTRACT

This research aims to analyze the theoretical conjectures that underwrite the rubric “Queer Literature” in Brazil. The concepts under this rubric are reflected in the light of non-hegemonic identities, in particular gay, lesbian, transsexual and homoerotic identities, in the Brazilian context. Initially, it seeks to verify the roots of queer, as well as respond to theoretical propositions about the studies of Queer Theory. Then, it seeks to highlight the presence of queer-themed narrative cartographies in Brazilian literature and, above all, in the social imaginary nationwide. Based on these reflections, in an attempt to understand the literary phenomenon, we approach the studies by Laplantine and Trindade (2017) on what constitutes the imaginary, the analysis of critical discourse by Fernandes (2014) and Bosi (2012) that establishes a concise history of Brazilian literature. The methodological proposal is substantiated in the bibliographic review according to the initial proposal of the research, of a descriptive character and of the hypothetical deductive method, in the scope of answering the social problem in question. Based on the results, it was possible to establish a fine line that

¹ Graduado em Jornalismo pelo Centro Universitário Funorte - UNIFUNORTE - MG. Graduando em Letras - Português pela Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes - MG. Pós-graduando em Literatura Brasileira pela União Alphaville Educacional - Unialphaville - SP, walissonoliveira.jornalismo@gmail.com;

² Mestre e Doutorando em Desenvolvimento Social pela Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes - MG, professormarcelob@gmail.com.

marks the presence of queer in the heart of Brazilian society in both classic and contemporary works.

Palavras-chave: Queer Theory. Social imaginary. Brazilian Literature.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se propõe a construir uma cartografia-narrativa que permita tecer compreensões acerca dos pressupostos teóricos que subscrevem a rubrica “Literatura Queer” e os conceitos sobre essa rubrica que se vão refletidos à luz de identidades não hegemônicas, em particular as identidades gay, lésbica e homoerótica no campo brasileiro.

Para isso, parte-se como hipótese inicial que, a partir da Literatura Queer, se poderia, ao término do estudo, levantar conceitos que contemplassem o caráter questionador do termo *queer*, sobretudo incrementar arcabouço epistemológico para novas pesquisas sobre a presença dele na literatura brasileira, dada a escassez de abordagens teóricas da temática.

O corpus da pesquisa, no que lhe concerne, encontra-se consubstanciado em três etapas: na primeira, no campo da pesquisa bibliográfica, foram selecionadas referências mais relevantes sobre a Teoria Queer, para, em uma segunda etapa, ancorada no campo dos estudos *queer*, mapear os seus desdobramentos até a confluência literária, ou seja, apontando os conceitos nos quais ele confere temática, especialmente narrativas tanto clássicas quanto contemporâneas brasileiras. Com esse itinerário, na terceira etapa, foi possível proceder uma leitura de publicações nacionais que adentraram o espaço das representações harmônicas entre a essência *queer* com a produção literária brasileira, apresentando novas possibilidades de conceituar esse novo fazer narrativo e, sobretudo, caracterizar algumas competências que apontaram para uma prática interessada na apreensão do universal manifesto no cotidiano de pessoas anônimas e compromisso com a sociedade.

Para fins de produção desta pesquisa, a proposta metodológica encontra-se consubstanciada na análise de revisão bibliográfica conforme a proposta inicial, de caráter descritivo e de ferramentas de pesquisa disponibilizadas na rede mundial de computadores, assim como a apreciação da Análise do Discurso Crítica (ADC). A análise de cunho bibliográfico proposta foi selecionada no sentido que ancorasse a pesquisa uma melhor argumentação no que se refere ao *queer*, sua classificação e a presença dele no imaginário social brasileiro.

Ademais, a revisão bibliográfica tornou-se essencial para a elaboração do estudo, pois, a partir dela, foi possível realizar a coleta de dados e de informações buscando os resultados possíveis; essa técnica se configura pelo levantamento de um determinado tema, processado em bases de dados nacionais e internacionais por meio de artigos de revistas, livros, teses e outros documentos, obtendo-se assim um referencial teórico. Posteriormente, para o levantamento de dados foi utilizada a pesquisa descritiva que aprofunda o conhecimento da realidade, indaga-se nos porquês, na interpretação dos fatos do mundo físico e nas fontes do fenômeno; tem por objetivo levantar as características de um grupo, observar opiniões, relacionar atitudes de grupos sociais e crenças de uma determinada população.

Por fim, a Análise do Discurso Crítica foi utilizada no intuito de compreendermos alguns aspectos acerca da relação entre linguagem e sociedade na contemporaneidade. Portanto, a ADC colabora para tomadas de ações, que podem conduzir a mudanças significativas em nossa sociedade.

É importante salientar que a reflexão aqui apresentada faz parte das discussões teóricas desenvolvidas pelo Núcleo pela Diversidade Sexual e de Gênero - (In)Serto, vinculado à Pró-reitoria de Extensão da Universidade Estadual de Montes Claros, coordenado pelo professor Me. Marcelo Brito.

QUEER: UMA INTRODUÇÃO À LITERATURA ABJETA

Nos últimos anos, a sociedade brasileira assiste a debates sobre representatividade em todos os níveis da cultura. É como se houvesse uma sinalização de que o mundo não é constituído só por homens brancos e heterossexuais, essas figuras humanas que foram sempre as vozes que dominaram as narrativas universais. Por outra vertente, vozes dissidentes dessa majoritária manifestaram-se ao longo da história, como atestando a existência de indivíduos que não cumpriam exatamente os pré-requisitos para serem ouvidos (CALEGARI, 2016).

É pelo reconhecimento dessas diversas vozes, e pela importância crucial que elas têm na construção da cultura, que está sendo visto um movimento de livros escritos por pessoas negras, por países considerados periféricos e por pessoas que, de algum modo, não se encaixam num padrão de gênero dominante – aqui entendemos por *queer*.

Queer: essa palavra que originalmente significa "excêntrico" ou "estranho", é um termo que no inglês era usado como uma gíria, de maneira bastante ampla, para designar corpos abjetos de todos aqueles que não seguiam o modelo de heterossexualidade ou do binarismo de

gênero. Louro (2004), célebre pesquisadora da temática desde 1990, conceitua o termo da seguinte forma:

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser integrado e muito menos tolerado. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referências; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do entre lugares, do indecível. Queer é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina. (LOURO: 2004, p. 7-8).

Miskolci (2016, p. 24) descreve que o termo se refere ao “[...] espaço a que a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que considera uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política”. Desse modo, segundo o autor, a “[...] abjeção, em termos sociais, constitui a experiência de ser temido e recusado com repugnância, pois sua própria existência ameaça uma visão hegemônica e estável do que é a comunidade” (MISKOLCI, 2016, p. 24).

Todavia, a partir da década de 90, nos Estados Unidos, o *queer* se ressignificou: primeiro como ato político e, posteriormente, como teoria; e alcançou notoriedade a partir das áreas de estudos gays, lésbicos e feministas; por outro lado, tornou-se também campo de estudos a partir de fins do século passado (MISKOLCI, 2016).

Por outro lado, conforme explica Cohen (1997), a teoria também emergiu inicialmente nas ciências humanas com estudos literários, linguísticos e discursivos, espalhando-se posteriormente para as ciências sociais, assim, tendo como principal objetivo questionar as concepções clássicas de sujeito e identidade.

E, como Louro (2004) conceitua, a Teoria Queer surgiu como uma resposta e como uma crítica ao movimento homossexual, uma vez que questionava, problematizava, transformava, radicalizava e ativava uma minoria excluída da sociedade centralizadora e heteronormativa. Isso porque, no início dos anos 90, apenas os homens, homossexuais brancos e de grande poder aquisitivo faziam parte do movimento.

Miskolci (2016) diz que a Teoria Queer se propõe não só a pensar o gênero como uma construção histórica, social e cultural, como também sobre a fluidez das identidades sexuais e a ressignificar as relações de poder/saber inerentes às nossas identidades.

É importante destacar que o *queer* possuía uma conotação pejorativa, comumente empregada como injúria, como sinônimo de homossexualidade. Contudo, com o fortalecimento da militância LGBT+ dos anos 90, o termo passou a ser incorporado pela comunidade e ganhou

novos olhares de resistência. Se antes o termo empurrava esses corpos à margem da sociedade, a comunidade os resgata, de maneira orgulhosa, colocando-os no centro de discussões culturais, como a Literatura Queer, nosso pressuposto de pesquisa. (CALEGARI, 2016).

Vale ressaltar que a teoria encontrou berço nas obras do filósofo Michel Foucault. Em outras palavras, ela se aprofundou, se questionou e se reinventou, através do viés ético-político do autor, sobretudo, o constructo social que rege à noção da natureza dos atos performáticos sexuais e das identidades de gênero (RIBEIRO; MENEZES, 2020). Com isso, expandiu o espaço de análise para abranger todas as categorias de atividades sexuais e de identidades classificadas como "normativas" ou "desviantes".

Para Foucault (2018), a sociedade vive, desde o século XVIII, uma fase de repressão sexual, na qual a sexualidade é um dispositivo de disciplina e normalização. Neste contexto, cada indivíduo é convocado sistematicamente, por mecanismos repressores, a submeter-se a estruturas horizontais de um poder difuso que se exerce através do controle da sexualidade.

De acordo com Colling (2011), a mudança de eixo na luta político-identitária que abarca o universo queer, por vezes, é atribuída às manifestações contra a invasão do bar Stonewall Inn, o qual, em 28 de junho de 1969, foi panorama de resistência da comunidade LGBTQIA+ a uma intervenção policial no local. A data, historicamente marcada por efervescências culturais e de direitos humanos, ficou conhecida como Revolta de Stonewall – revolução social que deu início aos movimentos de reivindicação e diversidade de gêneros. No presente, a data é celebrada internacionalmente como Dia do Orgulho LGBTQIA+.

Torna-se importante destacar que a Teoria Queer não pretende ser instauradora de um novo projeto de sujeito. Ela reafirma que o termo “gênero” não é um equívoco, é o resultado de um constructo social. À vista disso, a teoria não pretende trazer conceitos únicos, mas, sim, ensinar e aprofundar sobre minorias sexuais estigmatizadas socialmente (gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros, queers, etc.). Ela urge, portanto, como efeito de ressignificação à formação de identidades sociais "desviantes" e no processo de formação de sujeitos do desejo classificados em legítimos e ilegítimos. (LOURO, 2004).

Nessa perspectiva, é possível definir que a problemática queer aborda com destaque, questões relativas à dignidade humana, sobretudo dos processos de abjeção e subalternização dos corpos. Posto isso, queer é o corpo abjeto, o corpo indesejável; subverte a ordem social sistemática que insiste em subjugar o feminino e valorizar os corpos masculinos como enunciador legítimo do desígnio natural dos corpos.

UMA PERSPECTIVA QUEER NA LITERATURA BRASILEIRA

A história que marca a presença da Literatura Queer no bojo da sociedade é extensa. Da poetisa grega Sappho ao dramaturgo irlandês Oscar Wilde, muitos outros autores abordaram as lutas e os prazeres da experiência LGBTQ+ com significativas profundidade e imaginação na bagagem. No entanto, tais contribuições nem sempre foram fáceis de ser trabalhadas, sendo histórias lidas em lacunas rasas e de significações implícitas, com obstruções daqueles que pormenorizam os espectros da sexualidade e da identidade de gênero com censura (ALBINO; MÍGUES, 2021).

Conforme explica Giraldo A. (2009), no cânone da literatura, o *queer* pode ser encontrado em todos os gêneros: no romance, na poesia, nos teatros, nos ensaios, nas artes plásticas, etc. Para ela, trata-se de uma espécie de ramificação literária que se diferencia das demais obras apenas pela temática abordada pelo autor, sempre do interesse do público LGBTQ+. Sendo assim, não constitui um gênero diferente de literatura, porém, abarca todos os grandes gêneros e subgêneros.

Ainda segundo Giraldo A. (2009, p. 4, tradução nossa), na Literatura Queer:

Coexiste tanto a possibilidade de ruptura com relação ao esquema heteronormativo, quanto a possibilidade de inclusão ou enquadramento na norma (...) radical à identidade, univocidade e ocupação do lugar tradicional de diferença radical e inferior, redirecionando a literatura como lugar de convivência tensões, desejos, prazeres, personagens não reificados ou essencialidades, sem identidades fixas, que questionam a própria definição de autor.

Diante de tais pressupostos, pode-se entender a Literatura Queer como a construção de um novo *corpus* social que, de alguma forma, dialoga com anseios e elementos de interesse de um determinado leitor, não é uma mera questão de livros que contenham registros emocionais de autores LGBTQ+ ou que se identificam como tal; faz oposição à reprodução de instituições que se perpetuam e impõe valorações que reforçam a superioridade de classe, cultura, gênero, sexualidade e nacionalidade. (ALBINO; MÍGUES, 2021).

No Brasil, o *queer* é na prática também a história de uma literatura LGBTQ+, tomando-se como critério básico a questão da transgressão aos princípios do heterossexismo compulsório e a representação da homossexualidade – isso a partir de uma perspectiva *queer* – na literatura brasileira. (CALEGARI, 2016).

Não obstante, em território brasileiro, algumas obras, no final do século XIX, trouxeram temáticas e situações que se filiaram, posteriormente, à temática *queer*. A título de exemplo, o médico Lourenço Ferreira da Silva Leal, que assinava com o pseudônimo L. L., que se apresentava como um estudioso naturalista, constatado no *Jornal do Commercio* (RJ), de 26 de maio de 1885. Ali, publica o romance *Um homem gasto* (1885), cujo protagonista, Alberto de Freitas, é um indivíduo homossexual, de classe média alta, que leva um estilo de vida desregrado e caracterizado por excessos sexuais – além disso, merece atenção por seu valor documental enquanto obra pioneira no tratamento de temas tabus para sua época (MAIA, 2018).

Para Maia (2018, p. 275), *Um homem gasto* “é importantíssimo do ponto de vista histórico-literário, uma vez que hoje é o primeiro texto em prosa da literatura brasileira a abordar a homossexualidade masculina, ainda que seja a partir da patologização e da sugestão do suicídio como saída moral para os perversos”. Diante disso, ainda que Ferreira Leal não figure a homossexualidade como o assunto principal da narrativa, o “[...] romance reforça a ideia de que as relações homoeróticas são consideradas devassas e, portanto, perigosas” (CALEGARI, 2016, p. 77).

Apesar do silêncio que paira contemporaneamente sobre *Um homem gasto*, a obra foi alvo, à época do seu lançamento, de uma ferrenha discussão entre críticos de dois jornais cariocas:

A Semana, que atacava não só a qualidade literária do texto, mas também o próprio escritor, chamando-o de um “litterato gasto”, e o *Jornal do Commercio*, que defendia a qualidade literária do texto e do escritor L. L., assim como também atacava o crítico do jornal *A Semana*, nomeando-o de “Noviço”. As primeiras críticas surgem logo após o anúncio de venda do livro, no *Jornal do Commercio*, nos dias 23 e 25 de abril de 1885. (MAIA, 2018, p. 280).

A luz do exposto, já no século XX, com o movimento pela conquista dos novos direitos civis de indivíduos LGBTQ+, que revisitaram elementos e, reunidos, fizeram que *Um homem gasto* ganhasse reconhecimento, valor artístico e literário, em especial. Além disso, ampliaram o público leitor e registraram olhares estrangeiros para a narrativa em causa, que, no rol das várias histórias da literatura brasileira, fundamentaram-se, no critério da nacionalidade e de uma suposta identidade nacional. (MAIA, 2018).

Outra obra literária brasileira que aborda desfechos de um personagem com desejos homoeróticos é *Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha. Trata-se do primeiro romance cuja temática principal envolve a homossexualidade lançado em toda a história da literatura

produzida no Ocidente (RIBEIRO, 2017). A narrativa retrata os protagonistas Amaro, um escravo que tem o objetivo de guiar seu destino após conseguir fugir de seu Senhor, e Aleixo, um louro de olhos claros que era um jovem marinheiro iniciante na armada.

Conforme explica Calegari (2016), no romance de *Bom-Crioulo*, Adolfo Caminha descreve o primeiro como um homem de imponência muscular, mais forte do que os outros marinheiros, benevolente e voluntarioso. Por esses adjetivos, é chamado "Bom Crioulo", além de evidenciar as notórias diferenças físicas e comportamentais dos dois protagonistas.

Amaro é um negro extremamente forte e viril, a quem nenhuma característica feminina poderia ser atribuída. Tendo em vista sua força física, era um brutamontes. Já Aleixo é um adolescente de quinze anos, de olhos azuis e em fase de desenvolvimento físico. Frequentemente, sua imagem é feminilizada, visto que possuía formas femininas e preocupava-se em demasia com a vaidade e a aparência. (CALEGARI, 2016, p. 77).

Vale destacar que mesmo a obra se enquadrando nos ideais estéticos do Realismo-Naturalismo, movimentos literários que surgiram na Europa em meados do século XIX, por retratar pessoas comuns, com defeitos, incertezas e manias, personagens com elaboração psicológica trabalhada, demonstra os defeitos e detalhes da sociedade à época (BOSI, 2012).

Oliveira (2008) defende a questão de que a literatura da segunda metade do século XIX é marcada pelos preceitos realistas pelo fato de vestir uma nova perspectiva para a abordagem da realidade sem as marcas de subjetividade romântica. Instaurada no país, em 1881 com a publicação do romance *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, em decorrência da corrente estética denominada Naturalismo “[...] pode ser compreendida como uma radicalização dos preceitos realistas, principalmente no que tange à concepção determinista do comportamento humano (OLIVEIRA, 2008, p. 57).

Diante disso, *Bom-Crioulo* integra o rol de rejeitados pelos cânones literários após receber críticas ao reforçar estereótipos em relação às pessoas negras que, socialmente ao lume de ideais deterministas, são retratadas com requintes de superioridade pelo retrato forte e extremamente masculinizadas, como é o caso do personagem Amaro, e, sobretudo, no tocante às relações homossexuais entre militares:

Ao dimensionar essa temática e situá-la no universo experimental, o escritor escancara um tema considerado tabu e o aloca numa instituição considerada sagrada. Por esse motivo, o romance enquadra-se no perfil de obra que ganhou o status de romance maldito devido ao julgamento negativo feito pela crítica da época. (RIBEIRO, 2017, p. 148).

Partindo-se desses detalhes, observa-se que Adolfo Caminha rompe com determinados paradigmas heterossexistas, mas propõe uma forma de articulação de ideias que encontram correspondência na ideologia de sua época, principalmente no que diz respeito às questões de identidade (BOSI, 2012). Assim, para Calegari:

[...] o autor do romance, ao eleger como par amoroso dois homens, rompe com a suposta virilidade das instituições sociais, metonimicamente representada pela Marinha, por outro, forja uma concepção de identidade pautada no binarismo homem-mulher, inserindo um dos personagens no arquétipo de macho e o outro no de fêmea. (CALEGARI, 2016, p. 76).

Outro romance que problematiza as relações homossexuais é *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia. Embora não seja o principal componente do enredo, o homoerotismo é condenado e apresenta-se envolto por relações sociais de poder (BOSI, 2012). O livro gira em torno do protagonista Sérgio, por meio da narração da própria personagem em relatos memorialistas, que se envolve a contragosto com Sanches, seu colega de internato. Devido às circunstâncias hostis do meio, o rapaz busca proteção de alguém mais velho, papel esse desempenhado por Sanches. Como sua função era zelar pelo comportamento dos outros, acaba se aproveitando da sua condição para assediar Sérgio, a quem propõe práticas “indecentes”, que representam “desvios de conduta”.

No romance, o escritor realista deixa de narrar o “perfeito ou o nobre”, características típicas dos heróis da primeira fase romântica, para demonstrar a realidade da sociedade da época, bem como valorizar as experiências do indivíduo em seu ambiente cotidiano (GEBRA et al, 2013). Além disso, para os autores, o contexto em que Sérgio vive em *O Ateneu* “[...] é marcado por significativas transformações da sociedade brasileira: fim da nobreza agrária e fortalecimento da burguesia urbana e mercantil devido à falência do regime monárquico e o advento da República, representando os anseios populares” (GEBRA et al., 2013. p. 18).

Vale destacar que Sérgio, refere-se à vivência de Raul Pompéia em um colégio interno. E, a partir de uma ótica acerca dos conceitos da homossexualidade e da homoafetividade, no contexto histórico-cultural e social da época narrada, o autor compreende que o colégio apresenta a pedagogia que propunha a formação do caráter e da moral, confirmando-a quando é posta em público a carta que narra um relacionamento de afeição entre dois alunos:

Tenho a alma triste. Senhores! A imoralidade entrou nesta casa! Recusei-me a dar crédito, rendi-me à evidência...’ [...] Uma carta cômica e um encontro marcado no Jardim. Está em meu poder um papel, monstruoso corpo de delito! Assinado por um nome de mulher! Há mulheres no Ateneu, meus senhores!’

Era uma carta do Cândido, assinada Cândida. ‘Esta mulher, esta cortesã falamos da segurança do lugar, do sossego do bosque, da solidão a dois... um poema de pouca-vergonha! É muito grave o que tenho a fazer. Amanhã é o dia da justiça! Apresento-me agora para dizer somente: serei inexorável, formidando! E para prevenir: todo aquele que direta ou indiretamente se acha envolvido nesta miséria... [...] será reputado cúmplice e como tal: punido! [...] Aristarco ufanava-se de perspicácia de inquisidor. (POMPÉIA, 2008, p. 137-138).

De acordo com Calegari (2016), é possível identificar três fases principais que marcam a presença do queer na literatura brasileira, tomando-se como critério básico a questão da transgressão aos princípios do heterossexismo compulsório:

A primeira seria constituída por obras como *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia, *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, *Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, e mesmo *Grande Sertão: veredas* (1956), de Guimarães Rosa. Posteriormente, em uma segunda fase, já nos anos 1980, tem-se Caio Fernando Abreu. Embora às obras desse escritor não possa ser atribuído o rótulo de literatura gay, nos contos em que ele volta a sua atenção para esse assunto, retratou, de maneira ainda mais transgressora em relação aos primeiros autores citados, a questão do corpo, dos desejos, da sexualidade e da homofobia. Contemporaneamente, tem-se verificado um conjunto de textos que tratam do tema de maneira mais direta, muitas vezes, em primeira pessoa. (CALEGARI, 2016, p. 80).

Na última fase levantada por Calegari (2016), é o que se verifica, por exemplo, em *Morangos Mofados* (1982), de Caio Fernando Abreu; *Olhares de Claudia Wonder* (2008), de Claudia Wonder, *O Armário* (2010), de Fabrício Viana, *Amora* (2016), de Natália Borges Polesso, *Um livro para ser entendido* (2016), de Pedro HMC, *Over The Rainbow: Um Livro de Contos de Fads* (2016), vários autores, *E seu eu fosse put** (2016), de Amara Moira, *Devassos no paraíso* (2018), de João Silvério Trevisan, entre outros.

É nesse contexto, principalmente anteriormente aos anos 2000, que começam a aparecer, no imaginário social brasileiro, os primeiros livros assinados sob a rubrica Literatura Queer, que traziam pouca (ou quase nenhuma) problematização acerca das identidades, com pesquisas que se enquadrariam melhor que no que se poderia chamar literaturas gay, lésbica, transexual ou homoerótica. Todavia, a partir desse período é possível notar que o conceito se torna cada vez mais frequente e vai sendo ampliado conforme o aporte teórico de cada autor e por sua interpretação pessoal (ALBINO; MÍGUES, 2021).

A literatura, e em especial o gênero romanesco, se mostrou um espaço privilegiado para problematizar o imaginário social do *queer* na contemporaneidade.

Para Laplantine e Trindade (2017), o imaginário social pode ser entendido como um conjunto de representações coletivas associadas ao poder. Nesse sentido, os autores destacam a natureza política que transporta o universo simbólico para o mundo social. O tema do imaginário, portanto, se tornou um importante marco de debates teóricos, sobretudo quando é debatido em consonância com a literatura.

O conceito de imaginário social de Laplantine e Trindade (2017), aplicado à construção da sociedade brasileira permite-nos perceber toda uma presença de produção coletiva, as quais dão vida e coesão à Literatura Queer, sobretudo às nossas práticas sociais, já que é o depositário da memória que os grupos recolhem de seus contatos com o cotidiano. Sendo assim, é a partir dessa dimensão que identificamos as diferentes percepções dos atores sociais em relação a si mesmos e de uns em relação aos outros, isto é, como eles se visualizam como partes de uma coletividade, isso acontece porque:

A atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque esta experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia. Quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para imaginação dela. (VYGOTSKI, 1996, p. 22, tradução nossa).

A luz do exposto, fica explícito a relação do imaginário individual com o imaginário social, uma vez que se nota que muitas situações da realidade humana são complementadas por essa busca incessante de significados, conforme considerações de Bosi (2012). Esse imaginário social é o agrupamento das normas e dos valores, criados pela sociedade com significações e sentidos verdadeiros:

A imaginação adquire uma função muito importante no comportamento e no desenvolvimento humano. Ela transforma-se em meio de ampliação da experiência de um indivíduo porque, tendo por base a narração ou a descrição de outrem, ele pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua experiência pessoais. (VYGOTSKY, 1996, p. 125, tradução nossa).

Após a análise dos conceitos de Literatura Queer, é possível constatar que a rede imaginária possibilita-nos sinalizar a vitalidade histórica das criações dos sujeitos *queer* no cânone da literatura brasileira – isto é, o uso social das representações e das ideias –, em grande parte, no crescente interesse que se observa no Brasil tanto pelos estudos de gênero e sexualidades quanto por finalidades políticas, sociais e culturais que, através de atores sociais engajados, que difundem pulsões subjetivas e assimiladoras, e às pressões objetivas

provenientes do meio cósmico e social, especialmente experiências sócio-políticas, culturais e estéticas provenientes da Teoria Queer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conceitos que regem a Teoria Queer são problematizadores, porque tratou de temas extremamente intocáveis até então, a orientação sexual, a identidade sexual, o gênero e os processos de abjeção. A esse respeito, Miskolci (2016) pontua que esses processos não são um privilégio deste século. A teoria, portanto, recusa a classificação dos indivíduos em categorias universais e ressignifica o estranho, o desviante.

É nesse contexto que a rubrica “Literatura Queer” se encontra: considerando identidades não hegemônicas ao reportar obras com temas extremamente rejeitados pelo cânone literário. Mesmo com arcabouço histórico, a literatura com temática *queer* ainda é segregada no imaginário social brasileiro e envolta em polêmicas. Assim, abordar essa temática na literatura é uma forma de combater a violência sistemática dos corpos LGBTQ+ no Brasil.

Sendo assim, a literatura, como produto e reflexo da sociedade brasileira, é plural e deve ser livre. Através dela e, por extensão, de toda forma de arte, é possível, por alusão figurativa, vestir a pele e olhar pelos olhos de outros indivíduos. Primeira iniciativa para um exercício efetivo e necessário no caminhar para dias melhores: o respeito e a empatia.

Por fim, observou-se que a Literatura Queer apresenta-se de uma forma latente, dentro de um período de formação identitária dos romances brasileiros, tanto clássicos quanto contemporâneos. Nesse sentido, mais do que condenar e tratar como perversão, a rubrica abriu caminho para que escritores brasileiros ganhassem corpo “desviantes” e trabalhassem o “politicamente incorreto”, em que se revigora e abarca as mais diversas possibilidades de técnicas por ser o gênero que representa os heróis fragmentados da sociedade.

REFERÊNCIAS

ALBINO, H. S.; MÍGUES, A. C. **Literatura gay? Literatura homoerótica? Afinal, o que é a literatura queer?**: desbordamentos e circunscrições conceituais da literatura queer. Formiga: Editora MultiAtual, 2021.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2012.

CALEGARI, L. C. A perspectiva queer na literatura brasileira: Aretusa Von e o “Triunfo dos

pelos”. **Revista Literatura em Debate**, v. 10, n. 18, p. 73-87, ago. 2016. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/2082>>. Acesso em: 25 jun. 2021.

COHEN, C. J. (1997). Punks, bulldaggers, and welfare queens: the radical potential of queer politics?. In: **A Journal of Lesbian and Gay Studies**, 1997, p. 437-465. Disponível em: <<https://985queer.queergeektheory.org/wp-content/uploads/2013/04/Cohen-Punks-Bulldaggers-and-Welfare-Queens.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2021.

COLLING, L. **Stonewall 40+ o que no Brasil?**. Salvador: EDUFBA, 2011.

FERNANDES, A. C. **Análise do discurso crítico**: para leitura de textos da contemporaneidade. Curitiba: InterSaberes, 2014.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2018.

GEBRA, F. M. et al. Homoafetividade e homossexualidade em O Ateneu, de Raul Pompéia. **Revista Decifrar**, Manaus, v. 2, n. 1, p. 16-28, jul/dez, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/Decifrar/article/view/1023/918>>. Acesso em: 23 jul. 2021.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIRALDO A., C. P. Qué es la literatura queer: las compilaciones de literatura queer, gay y lésbica. In: **VII Congreso Internacional Orbis Tertius de Teoría y Crítica Literaria**, 2009. Disponível em: <<http://citclot.fahce.unlp.edu.ar/vii-congreso/actas-2009/Giraldo.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2021.

LAPLANTINE, F.; TRINDADE, L. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

LOURO, G. L. **O corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAIA, H. T. Um homem gasto: naturalismo, historiografia LGBT e primeira recepção crítica. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 33, p. 273-283, jun, 2018.

MISKOLCI, M. **Teoria queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo horizonte: Autentica/UFOP, 2016. (Série Cadernos da Diversidade, 6).

NEVES, L. M. B.; JANKOSKI, D. A.; SCHNAIDER, M. J. **Tutorial de pesquisa bibliográfica**. 2013. Disponível em: <https://portal.ufpr.br/pesquisa_bibliogr_bvs_sd.pdf>. Acesso em: 20 de jun. 2021.

OLIVEIRA, S. **Realismo na literatura brasileira**. Curitiba: IESDE: 2008.

POMPÉIA, R. **O Ateneu**. São Paulo: Martin Claret, 2008.

RIBEIRO, A. P.; MENEZES, E. M. Reflexões da teoria queer na educação: subversão à obscuridade. In: **Anais VII CONEDU - Edição Online**. Campina Grande: Realize Editora,

2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/69444>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

RIBEIRO, R. A. Bom crioulo: uma narrativa naturalista silenciada pelos cânones. **Letras Escreve**, Macapé, v. 7, n. 4, p. 145-157, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/3345/pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2021

VIGOTSKY, L. S. **La imaginación y el arte em la infância**. (Ensayo psicológico). Madrid, Espanha: Akal, 1996.